

---

## Questões teóricas e metodológicas da Geografia Histórica

*Historical Geography's theoretical and methodological questions*

*Cuestiones teóricas y metodológicas de la Geografía Histórica*

*Questions théoriques et méthodologiques de la géographie historique*

**Patrício Aureliano Silva Carneiro**

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/3166>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.3166

ISSN: 2316-7793

### Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

### Refêrencia eletrónica

Patrício Aureliano Silva Carneiro, « Questões teóricas e metodológicas da Geografia Histórica », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 10 | 2018, posto online no dia 26 dezembro 2018, consultado o 14 novembro 2019. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/3166> ; DOI : 10.4000/terrabrasilis.3166

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 14 novembro 2019.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

---

# Questões teóricas e metodológicas da Geografia Histórica

*Historical Geography's theoretical and methodological questions*

*Cuestiones teóricas y metodológicas de la Geografía Histórica*

*Questions théoriques et méthodologiques de la géographie historique*

Patrício Aureliano Silva Carneiro

---

## Aportes conceituais da Geografia Histórica

Um historiador de Oxford, a mais de um século atrás, observou que ‘a história não é inteligível sem geografia’. Hoje, no início do século XXI, como geógrafo de Cambridge, quero ressaltar que a geografia não é inteligível sem história [...]. O entendimento de lugares requer uma perspectiva histórica e a compreensão dos períodos temporais requer uma perspectiva geográfica. Cada uma precisa da outra, cada uma é empobrecida sem a outra. Mais importante, cada uma é enriquecida pela outra. Reconstruir séries temporais de dados enriquece nossa compreensão histórica por si só, mas o valor geográfico é adicionado quando usamos, em combinação, a reconstrução de séries espaciais. (Baker, 2007: 7-9)

- 1 Há tempos que o principal campo de análise da geografia histórica consiste na compreensão das relações entre as pessoas e o ambiente. Baker (2003: 72) enfatizou que o diferencial de encontros de povos com seus ambientes e de “culturas” com a “natureza” e com outras “culturas” têm intrigado gerações de estudiosos e alimentado uma legião de pesquisas geográficas. O tema da *geografia histórica* é muito vasto e controverso, a ponto de alguns geógrafos e historiadores o descreverem como “a ponte

da divisão”, sub-título do livro mais importante do autor citado. No geral, persistem poucas criações individuais extraordinárias e os pesquisadores ainda possuem ideias distintas sobre o uso do passado.

- 2 No começo do século XIX, Immanuel Kant escrevia que enquanto a história se ocupava da descrição dos acontecimentos de acordo com o tempo, a geografia se dedicava à investigação desses acontecimentos privilegiando a dimensão do espaço. Essa posição, santificada por Newton, foi responsável por um atraso considerável na progressão teórica e metodológica da geografia. Ela fez escola por longo período e atualmente, segundo Santos (2002a: 134), se repete como postulado, como se depois de Einstein fosse possível adotar a separação rígida entre tempo e espaço.
- 3 Na década de 1980, Guelke (1982a) afirmou que não havia base lógica para diferenciar *geografia* da *história*. Embora os historiadores estivessem preocupados com questões políticas e sociais – entendimento de períodos – e os geógrafos com a ocupação humana e o uso da terra – compreensão de lugares –, essas diferenças não teriam importância filosófica.
- 4 Na opinião de Donald Meinig, a geografia e a história estão enraizadas na base material da existência humana: elas são "análogas, complementares e interdependentes" campos de estudo. Enquanto os historiadores focalizam as ideias, os geógrafos abordam as áreas. Por isso, se estivermos interessados nos acontecimentos emanados das tomadas de decisão e nos tipos de mudanças apresentadas pelas áreas, devemos voltar nossas atenções para o historiador e para o geógrafo ou, de forma integrada, para a geografia histórica (Wynn, 2005: 612).
- 5 As propostas de separação entre espaço e tempo, passado e presente, para privilegiar uma ou outra extremidade do espectro, tanto na geografia quanto na história e, principalmente, na prática da geografia histórica, carecem de fundamentação teórica e metodológica. De acordo com Mitchell (1987: 1-2), o "passado" e o "presente" são noções simplificadas de nossas concepções do tempo. Assevera o autor que:

Se o passado é o prólogo para o presente, o presente continuamente reforma o passado com novas ideias, abordagens e informações que nos permite recuperar e desvendar as condições humanas anteriores. Tempo, portanto, não é o domínio exclusivo de um único conjunto de profissionais, embora, no mundo ocidental, geralmente, os historiadores têm sido considerados os guardiões especiais do passado humano. Terra-espaço, similarmente, é um conceito fundamental para muitos ramos da atividade intelectual organizada. Os geógrafos, principalmente, reivindicam o domínio desse campo para elucidarem as relações existentes entre as pessoas e os lugares e seus reflexos na localização, no ambiente, na distribuição e nas expressões regionais.
- 6 O geógrafo histórico deve se preocupar com o estudo das mudanças no espaço e no tempo, além de investigar como e por que algumas das expressões pretéritas persistem no presente. No entanto, a recuperação do passado não é uma tarefa fácil. Inclusive em suas formas mais detalhadas, o pesquisador poderá reconstruir apenas uma pequena fração das ações humanas e dos eventos. Recuperar o passado geograficamente tem sido a tarefa de um conjunto específico de geógrafos em vários momentos da evolução da ciência geográfica e, algumas vezes, eles foram ultrapassados pelos historiadores.
- 7 Nas duas últimas décadas, os estudos de geografia histórica têm envolvido um número crescente de historiadores e, principalmente, de geógrafos num crítico debate sobre a evolução do passado. No entanto, conforme apontaram Denecke (1982) e Baker (2003), em oposição às obras que versam sobre as mudanças geográficas e históricas de

determinados lugares e períodos, há poucas pesquisas e ensaios publicados que investigam a geografia histórica *per se* como um campo de estudo, em seus aspectos teórico-metodológicos ou em termos das suas relações, proximidades e distinções com as disciplinas mãe.

- 8 A carência de um amplo debate teórico-metodológico no universo da geografia histórica faz desse campo de estudo uma área com diversos problemas, apontados por Kucera (2008: 6) e listados a seguir: “baixo nível de coesão interna”, “natureza eclética da pesquisa”, indefinição do objeto e do sujeito de investigação, posição não clara entre historiografia e geografia, “natureza excessivamente descritiva”, raramente explicativa e distanciada da busca de regularidades, aplicabilidade insuficiente dos resultados obtidos e conceituações, por vezes, “demasiadamente gerais”.
- 9 Na década de 1950, Mitchell (1954) publicou uma obra intitulada *Historical Geography*, com temas dedicados às questões gerais da prática da geografia histórica, ao povoamento da Terra e à evolução das vilas e fazendas. Em que pese o esforço pioneiro da autora e o foco principal nas mudanças da Grã-Bretanha desde os tempos pré-históricos até o século XX, Baker (2003) ressaltou que, em relação à discussão geral sobre a natureza da geografia histórica, por trinta anos, a publicação citada se manteve como o único livro, de língua inglesa, a tratar da natureza do campo de estudo em questão. No capítulo introdutório da obra, Mitchell indaga o que é geografia histórica e destaca que, considerando as imprecisões das definições da geografia e da história, encontrar uma categorização para a disciplina seria um mistério ainda maior. Na compreensão do que seria esse campo de investigação, apontou a autora que  
[...] alguns vão mais longe do que a crença de que se trata de ‘velhos’ mapas e consideram como um campo de conhecimento que se debruça sobre os relatos dos antigos marinheiros, dos viajantes e dos mercadores aventureiros medievais. Já outros acreditam ser uma tentativa doentia dos geógrafos para explicar a história e acham que o geógrafo histórico é, muito certamente, invasor e deva ser processado. [Mas], isto não é assim: o geógrafo histórico é um geógrafo em primeiro lugar, seja no passado ou em qualquer tempo. (Mitchell, 1954: 1-2)
- 10 A geografia, no contexto em que Mitchell escreveu o ensaio, se definia pela descrição e explicação da localização e distribuição dos fenômenos. Na opinião da autora, o objeto daquele campo era o estudo dos lugares, tanto em termos da individualidade quanto da generalidade, vistos como produtos das interações entre os povos e os ambientes. À geografia histórica cabia o estudo (geográfico) de um lugar específico no passado, através do corte de uma sequência de datas mais ou menos ordenada, com importância na compreensão da localização e dos assuntos humanos. A autora ainda deixou bem claro que apesar da investigação do passado, o geógrafo histórico sempre seria um geógrafo, nunca um historiador.
- 11 A pesquisadora relatou que a análise dos acontecimentos históricos seria de domínio do historiador, preocupado com a civilização, enquanto a da superfície da terra, do geógrafo. Se levássemos à risca este preceito, muitos livros, em cujo título figura o termo *geografia histórica*, ao abordarem, principalmente, a civilização, não o lugar, não passariam de *história geográfica*. O elemento comum entre os dois profissionais estaria na perspectiva de compreender o padrão espacial no decorrer dos eventos. Destaque-se, contudo, que o geógrafo histórico deveria estar vinculado com a análise da geografia de um espaço em *qualquer momento* do tempo, pois, na opinião da autora,  
[ele] não [poderia] estar preocupado apenas com a sobrevivência de padrões geográficos passados no presente ou com a evolução de padrões geográficos no

tempo, mas com o estabelecimento e o estudo dos padrões em qualquer um dos dois tempos em particular. (Mitchell, 1954: 14)

- 12 A geografia histórica deveria, então, se preocupar tanto com as permanências de características geográficas dos tempos passados nas paisagens atuais quanto com as mudanças geográficas ao longo do tempo. Mitchell (1954: 332) não tinha dúvidas de que o trabalho analítico do geógrafo histórico seria, em última instância, contribuir para a síntese geográfica, com o estudo do lugar em seus aspectos físicos e humanos. No capítulo final da obra, ela defendeu a necessidade de uma abordagem histórica em toda a ciência geográfica e assim concluiu: "se a cada geógrafo histórico cabe versar sobre todas as partes da geografia, de fato, cada geógrafo é (ou deveria ser), em certa medida, um geógrafo histórico".
- 13 Na década de 1980, William Norton publicou a obra *Historical Analysis in Geography* (1984), um levantamento na perspectiva da discussão geral sobre a natureza da geografia histórica. Ele reconheceu três grandes preocupações da geografia, concentrando-se, particularmente, na última: a) as alterações geográficas através do tempo; b) o desenvolvimento da paisagem; c) e a evolução da forma espacial. Ao analisar a trajetória da geografia histórica, o autor argumentou que o cerne das preocupações desse campo durante os anos de 1960 e 1970 estava vinculado ao estudo da geografia do passado, das mudanças geográficas e das características históricas presentes nas paisagens atuais. Mas, também declarou que as ideias e os métodos de análise dos padrões espaciais, à época, cada vez mais adotados no âmbito da geografia em geral, tinham ainda pouco impacto sobre a geografia histórica.
- 14 O pesquisador, apesar de reconhecer os vigorosos debates entre os geógrafos históricos sobre questões como disponibilidade de dados, papel da teoria e da quantificação na pesquisa histórica e sobre as correntes alternativas ao positivismo como a fenomenologia, o idealismo e o estruturalismo, defendeu a perspectiva de uma análise espacial temporalmente orientada cujo foco dos estudos estaria na evolução das formas espaciais e no emprego de técnicas de simulação e métodos *contrafactuais*. Nas principais temáticas da geografia histórica (estudos regionais e de fronteira, análises da evolução dos assentamentos e da agricultura, transporte, paisagens urbanas e industriais e estudos populacionais), Norton (1984: 15) defendeu a abordagem das relações entre *forma* e *processo* através do tempo. A obra teve impacto limitado, talvez pelo alinhamento com a geografia teórico-quantitativa.
- 15 Na opinião de Baker (2003), as propostas de Mitchell e Norton apoiaram-se, exclusivamente, nos métodos e conceitos da geografia num momento em que os processos metodológicos dessa ciência estavam passando por crescente questionamento. Não abordaram, de forma coerente, a natureza da relação entre a disciplina citada e a história. O primeiro autor citado ainda relatou que há lições a serem aprendidas e armadilhas a serem evitadas. Ele ainda cita a obra de Robin Butlin (*Historical Geography: Through the Gates of Space and Time*), publicada em 1993, que abordou os riscos com sucesso ao empregar uma perspectiva que sublinhou o caráter mutável da geografia histórica em si. Dos onze capítulos do livro, três examinam a prática da geografia histórica em diversas partes do mundo desde o século XVIII ao XX. Após um ensaio sobre fontes e dados, o autor apresenta um conjunto de capítulos com os seguintes temas: reconstrução dos ambientes físicos, geografias históricas das paisagens, do poder e controle social, da urbanização, da industrialização e das transformações rurais. Ao discorrer sobre aspectos como representação, identidade e

poder, o autor articula o livro com questões proeminentes que caracterizam hoje as abordagens da nova geografia cultural e histórica, mas, ao abarcar desde a pré-história até o presente, englobando o mundo inteiro, foi criticado por omitir problemas específicos, períodos e lugares.<sup>1</sup>

- 16 O livro de Serge Courvill (1995), *Introduction à la géographie historique*, também merece destaque na opinião de Baker (2003), um guia para a prática da geografia histórica, com extensa revisão da história da geografia histórica e discussão das suas características. O autor aborda a formulação de problemas de pesquisa, destaca a necessidade de uma abordagem crítica frente às fontes históricas, o uso e análise de dados qualitativos, quantitativos e cartográficos, os problemas de generalização e de síntese etc. De acordo com Baker (2003), Courvill considera a geografia histórica como campo de investigação originário da história, que adotou a geografia antes de concretizar sua independência. Não a compreende como disciplina ou subdisciplina, mas como campo interdisciplinar de investigação, alimentado pelas ideias, linguagens e métodos da geografia e da história, talvez uma maneira de resolver as tensões tradicionais entre as duas áreas.
- 17 No universo das relações entre história e geografia, a obra de Alan Baker (*Geography and History: Bridging the Divide*), publicada em 2003, é o primeiro livro a examinar, exaustivamente, após um século, a interdependência das duas disciplinas. Como geógrafo histórico de Cambridge, internacionalmente reconhecido, o autor focaliza o trabalho dos geógrafos e historiadores norte-americanos, britânicos e franceses, a relação dos historiadores com a geografia e dos geógrafos com a história, além de apresentar uma perspectiva global e interdisciplinar sobre a teoria e a prática da *geografia histórica* e da *história geográfica* e *ambiental*. Ele conseguiu cobrir, com certa garantia de igualdade, três gerações de geógrafos históricos: a de Darby; a dos teóricos que o influenciou; e a dele próprio.
- 18 Baker (2003) defende a necessidade de um contato, ao invés de separação, entre os objetivos e os métodos de geógrafos e historiadores, interação demonstrada, algumas vezes, em termos de interesses comuns, outras vezes, de projetos colaborativos. Na concepção do autor, geografia e história apresentam distintas maneiras de se olhar o mundo, mas complementares e interdependentes na forma de compreensão. As duas disciplinas se relacionam de tal modo que uma não pode, por interesse próprio, ignorar ou negligenciar a outra. Os fatos geográficos são indispensáveis para o historiador, assim como a experiência histórica é imprescindível para o geógrafo. Com o intuito de mostrar as possibilidades de intersecção entre as duas áreas, Baker (2003: 3) elaborou um diagrama, no qual mostra o papel central da *geografia histórica* e da *história geográfica*, posicionadas na interseção: a primeira, se preocupando com a dimensão histórica da geografia e a segunda, com a dimensão geográfica da história.
- 19 A geografia, a história, a geografia histórica e a história geográfica têm uma experiência compartilhada sobre uma vasta gama de assuntos: dirigem-se para problemas comuns e adotam as mesmas fontes; empregam técnicas semelhantes de investigação; exploram, com uma série de dificuldades, os conhecimentos e entendimentos de ambas as ciências naturais e sociais; além de serem parte do amplo espectro das humanidades ou das ciências históricas. A geografia histórica compartilha com os estudos históricos os métodos de investigação, com os estudos geográficos, os problemas de análise. Mas, em função das diferentes posições epistemológicas entre ambas, elas oferecem perspectivas distintas sobre o passado. Por isso, como alertou Myres (1953: 62-63), “a geografia”, inclusive a histórica, “não é história e não pode ser confundida com esta disciplina”.

- 20 A geografia histórica procura aplicar uma perspectiva distinta, espacial, do ordenamento do mundo no passado. Na opinião de Donald Meinig, citada por Wynn (2005: 617), essa linha de análise traça metodicamente “desenvolvimentos sobre um momento do tempo”, mas é “basicamente e perfeitamente geográfica” porque seu “foco persistente está sobre uma área singular”, procurando compreender “como os homens lidaram com essa porção da terra”. Na definição de Baker (1997: 241),

*A geografia histórica é, de fato, um estudo histórico: seu foco de interesse reside na geografia de algum tempo passado ou nas alterações geográficas em algum período do passado. Assim, compartilha a legitimação intelectual e moral com todos os estudos históricos. Mas, a geografia histórica é, fundamentalmente, um estudo geográfico: suas perguntas são questões geográficas sobre o passado, ela oferece uma perspectiva geográfica sobre o passado. Ela produz uma contribuição distinta para o nosso conhecimento e compreensão do passado, fazendo assim, essencialmente, como geografia e não como história, mas como geografia histórica em suas muitas formas e não exclusivamente como uma geo-história ou história geográfica, que é meramente uma forma de geografia histórica (Grifos nossos).*

- 21 A geografia histórica destaca a especificidade dos lugares. Ela enfatiza o distinto, os diversos padrões, processos e eventos geográficos observados, evidentemente, nos seus respectivos contextos históricos. Diferenças entre os lugares são de interesse intrínseco à geografia histórica, sejam elas entre o “mesmo” lugar em momentos distintos, ou entre lugares distintos durante o mesmo período temporal. Por isso, o método comparativo, às vezes, é utilizado para destacar tanto as diferenças quanto as semelhanças, a fim de melhor compreender os lugares e suas singularidades. Agora, a geografia histórica, pela particularidade dos estudos e do seu objeto, não pode ser feita, necessariamente, como peça de alguma grande narrativa ou de uma teoria histórica unificada. Principalmente porque os diversos lugares possuem rotas infinitamente variadas de mudança geográfica ao longo do tempo.
- 22 Na prática da geografia histórica, Kucera (2008) destaca três observações de grande relevância. A primeira refere-se à necessidade de distinguirmos a geografia histórica da historiografia, por meio de uma ênfase maior no espaço em relação ao tempo. Isso implica construirmos uma disciplina essencialmente preocupada com a organização da esfera geográfica da paisagem no período temporal determinado, e não uma ciência que lida com a descrição cronológica da evolução de um fenômeno específico. Em segundo lugar, é necessário ampliarmos o diálogo sobre a natureza da percepção do tempo e do passado na geografia histórica, sobretudo acerca do objeto e do assunto de investigação. Isso, talvez, nos permitirá a busca e verificação de processos gerais. Em terceiro lugar, a geografia histórica não pode se contentar em apenas descrever e explicar a evolução temporal dos elementos selecionados na paisagem através de um método retrospectivo, mas deve estar preocupada com a compreensão da complexidade e do funcionamento das paisagens passadas.
- 23 Se há certo consenso sobre o plano de abordagem da *geografia histórica*, o mesmo não se pode dizer com a *história geográfica* cujo uso é variável e o estatuto epistemológico ambíguo. Um dos primeiros autores a utilizar este termo foi Paul Vaillant, em 1749, na obra *A Geographical History of Nova Scotia* (Londres: Printed for Paul Vaillant). Nesta publicação, o pesquisador analisou a geografia física da Nova Escócia, a história do povoamento e o potencial de desenvolvimento. Apesar do longo tempo transcorrido desde a publicação desse estudo, infelizmente, o crescimento da produção teórica sobre a história geográfica não acompanhou o da geografia histórica e embora a ideia da

geografia por trás da história, ou seja, da *história geográfica*, seja hoje aceita, sua prática tem sido amplamente descartada (Williams, 2002; Baker, 2007).

- 24 A *história geográfica* ou, para alguns, também denominada *geohistória*, é um ramo da ciência histórica, fundada, principalmente, por um conjunto de historiadores franceses que procuraram incorporar a interpretação geográfica na história. Influenciada pela chamada “Escola dos *Annales*”, esse campo surgiu no início do século XX e provocou a ruptura com a historiografia tradicional pautada nas narrativas. A historiografia vigente na época passou a ser desconstruída pelo movimento de renovação da “Nova História” cujos preceitos defendiam uma análise científica dos problemas, a valorização da pesquisa e o diálogo com outras disciplinas, a exemplo da própria geografia. Os principais expoentes da interpretação geográfica na história foram Henri Berr, Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel.
- 25 Na concepção de Fernand Braudel, um projeto em geohistória precisa, necessariamente, compreender historicamente os contextos espacial e ambiental das atividades humanas e, se possível, envolvê-los no mapeamento. Para o historiador francês, essa linha de interpretação investiga a imposição do meio sobre os homens, a fricção do espaço, realçando os condicionamentos e as limitações. É a investigação da ação humana na apreensão do espaço, a luta dos grupos sociais para conseguir vencê-lo, suportá-lo, à custa de trabalhos duros e penosos. “É o estudo de um duplo vínculo, da natureza ao homem e do homem à natureza”, de uma “ação e de uma reação, misturadas, confusas, recomeçando sem cessar na realidade cotidiana (Braudel, 1997: 73)”. Essa forma de abordagem visa produzir historiadores cientes da importância geográfica e geógrafos sensíveis à interpretação histórica.
- 26 Em termos teóricos, é possível distinguirmos *geografia histórica* da *história geográfica*, apesar de, na prática, os elementos distintivos desaparecerem e a divisão se tornar mero formalismo acadêmico. Baker (2003) apontou que uma diferença fundamental entre as duas disciplinas, se é que ela pode ser levada a cabo sem maiores problemas, é expressa em termos do *foco da história sobre períodos* e da *geografia sobre lugares*, reconhecendo que tanto os períodos quanto os lugares foram (e são) povoados/construídos por pessoas. Então, os geógrafos históricos nos contam histórias sobre como os lugares foram criados no passado pelas pessoas, enquanto os historiadores nos relatam histórias, de outro modo, sobre como os períodos foram construídos no passado por esses personagens. Nas análises, em que pese as articulações entre a geografia e a história, não precisamos inquirir exatamente as mesmas perguntas, pois há muitos caminhos e vários destinos históricos e geográficos. Por isso, Baker (2003: 4) destaca que:
- Se aspectos como o período, o local e as pessoas são exemplos de sobreposição de interesses entre as duas áreas, em seguida, o cruzamento desses três elementos pode ser descrito como a *geografia histórica* e a *história geográfica*. Qualquer diferença na prática das duas disciplinas será reflexo da origem intelectual específica, da distinta bagagem cultural e das preferências individuais que cada pesquisador traz para suas investigações.
- 27 Na tentativa de evidenciar as possíveis relações da geografia com a história, Baker (2003) ainda elaborou um segundo diagrama, no qual emprega “estruturas”, chamadas pelo autor de *paisagem*, *ambiente* e *localização*. As categorias formadas da intersecção das três anteriores são um instrumento útil para a discussão da natureza da geografia histórica e servem tanto para a história quanto para a geografia, contra a separação destas e para a reformulação de um novo híbrido acadêmico. São elas: *geografias e*



*histórias da localização espacial* (onde as coisas se encontram e por que elas estão naquele lugar); *geografias e histórias ambientais* (como os seres humanos se adaptam e são adaptados ao espaço em que vivem); e *geografias e histórias da paisagem* (causas e consequências da forma visível dos lugares). O importante é que não haja limites entre qualquer uma dessas formas de abordagem e que os escritos geográficos não se restrinjam especificamente a uma ou a outra. No citado diagrama, o principal universo relacional entre a geografia e a história está centrado no âmbito da *geografia regional*, ou seja, das *geografias e histórias regionais*.

- 28 A acentuada abertura para o campo da geografia histórica, sugerida nos dois diagramas, é positiva, e caminha na perspectiva da maioria das definições atuais dessa linha de investigação, que enfatiza o aspecto da diversidade disciplinar. Baker (1987: 1-2), por exemplo, no final da década de 1980, ao assumir a função de editor do *Journal of Historical Geography*, evitou apresentar um limite rígido ou restrito para as análises desse campo de estudo. O teórico assim se expressou: “a preocupação do jornal não deve ser a definição exata e a rigorosa fiscalização das fronteiras da geografia histórica”. Essa disciplina deve ser “eclética e liberal: nenhum dogma particular sobre a sua natureza pode ser aceito. O estudo de qualquer problema, período ou lugar no passado não deve ser proibido”.
- 29 Na atualidade, a ampla abertura na geografia histórica faz dessa área interdisciplinar um corpo de estudo eclético, ao mesmo tempo, fonte de sua força e fraqueza, um campo de investigação independente, com conceitos próprios, situado entre a historiografia e a geografia, portanto, nas fronteiras disciplinares. Por meio da combinação do espaço com o tempo e das relações entre homem e natureza, ela investiga o desenvolvimento e as mudanças do ambiente geográfico no passado, as causas dessas modificações, suas consequências e as regularidades correspondentes. Ela renova os laços antigos entre história e geografia, seja para o benefício mútuo ou ainda para promover uma reassimilação revigorante na geografia e na história como um todo. Neste sentido, pode ser o começo para o alargamento dos horizontes geográficos dos historiadores e o aprofundamento da compreensão histórica dos geógrafos. Vejamos como, do ponto de vista metodológico, a geografia histórica pode contribuir com tal objetivo.

## Considerações metodológicas

- 30 Na geografia histórica, embora os estudos sobre diversos assuntos e lugares sejam abundantes, o tratamento da *prática* e da *metodologia* desse campo interdisciplinar continua praticamente ausente. As referências bibliográficas são escassas e uma das poucas e últimas obras que trouxe um conjunto de artigos sobre a questão data de 1982.
- <sup>2</sup> O passado precisa ser investigado de forma *sistemática*. Para tanto, reproduzimos a proposição apresentada por Mitchell (1987), com algumas modificações. O passo inicial da pesquisa consiste no questionamento sobre as origens: quando e onde um processo particular ou conjunto de eventos começou. É o ponto de partida para definirmos o início temporal de um evento, recortá-lo e localizá-lo espacialmente. Em segundo lugar, é fundamental perguntarmos sobre o que se seguiu temporalmente em sequência do evento analisado. A terceira etapa versa sobre a ordem temporal e a estrutura espacial da ocorrência e da distribuição: porque a mudança aconteceu na sequência observada. A quarta etapa visa questionar porque as coisas aconteceram naquele tempo e lugar observados e não em outros. A partir disso, entra em cena a importância da análise dos

fatores produtores da mudança ou das condições necessárias que, em suas combinações, desencadearam os processos e as mudanças notados; e a atuação dos diversos agentes, externos e internos, responsáveis pela modelagem do espaço. Por fim, devemos investigar a duração e a velocidade das mudanças, avaliar a sua magnitude e extensão, bem como a evolução do espaço.

- 31 O passado também precisa ser investigado de forma *científica*. Em relação a este preceito, o estudo somente será científico se estiver baseado em argumentos lógicos e apoiado em evidências empíricas. Primeiramente, como destacou Sauer (1941: 13-14), a reconstrução das etapas exige do pesquisador o domínio dos documentos escritos sobre a época de análise. Essa opinião foi compartilhada por William Smyth, ao destacar que “para se fazer um estudo adequado de como as sociedades crescem, mudam, declinam ou se reconstróem é essencial o domínio total dos documentos relevantes (Mccarthy, 2002: 543)”. “Isto, por um lado, evita a mera descrição do empirismo científico extremo e, por outro, os propósitos não históricos de certas abordagens teóricas (Guelke, 1982b: 195-196)”. A familiaridade com os registros e fontes reivindica muito tempo e pesquisa e um conhecimento aprofundado das instituições que armazenam a memória dos acontecimentos (Brown e Brown, 1998 *apud* Moore, 2010).<sup>3</sup>
- 32 O trabalho de pesquisa em geografia histórica deve se basear, essencialmente, nos rastros deixados pelo passado, na maioria das vezes, encontrados em arquivos. Nessas instituições estão armazenados, ordenados ou não, os materiais de interesse histórico ou de significância social. Contudo, o objeto de estudo dos geógrafos históricos – “a geografia de um lugar em algum momento no passado ou as mudanças geográficas de um lugar durante certo período no passado - constitui uma realidade morta (Baker, 1997: 232)”. O passado já aconteceu e não está passível de ser modificado por qualquer atividade no presente. Os geógrafos históricos não podem observar diretamente o fenômeno que desejam estudar, a exemplo do que fazem os cientistas naturais e sociais. O pesquisador almeja explorar o passado com vistas a trabalhar num projeto de sua reconstrução. Todavia, segundo Henry Glassie, “a história não é o passado, mas um mapa do passado elaborado a partir de um determinado ponto de vista para ser útil ao leitor moderno (Powell, 2000: 394)”.
- 33 Logo, é preciso muita atenção no trabalho arquivístico, pois o pesquisador, influenciado pelas suas motivações, decisões, pressupostos e valores, interage com as fontes. A própria representação e a interpretação histórica são uma reconstrução contemporânea, como bem lembrou Hanlon (2001: 24). Não podemos, então, acreditar que quando nos envolvermos com o estudo do passado iremos recriar realmente aquilo que aconteceu. Construimos um “passado virtual que está aberto a debate e interpretação (Anon, 1997 *apud* Mccarthy, 2002: 534)”. Isso implica, pelo menos em tese, dois princípios básicos de orientação: a) contar com a gama de teorias disponíveis no presente para se trabalhar como um observador indireto do passado; b) e recuperar os conceitos, as mentalidades e os atores históricos do período em análise.
- 34 Na maioria dos casos, o investigador também não conseguirá analisar o conjunto total de materiais disponíveis. Na verdade, ele reúne, por dedução, experiência e motivação, uma parcela dos acontecimentos, completada com a sua própria subjetividade. Isso implica outra observação importante: todas as generalizações históricas e julgamentos possuem um estatuto provisório, possivelmente apenas um status conjetural, não determinante. Ao comentar sobre esse assunto, Baker (1997: 239) considerou a “impossibilidade da evidência final de qualquer generalização histórica ser concebida,

dada a complexidade absoluta do passado e a relativa simplicidade da prova que sobrevive”, de modo que, segundo o autor, “argumento e polêmica são partes integrantes do trabalho em geografia histórica”, assim como de várias outras áreas de investigação.

- 35 Na pesquisa arquivística existe ainda quatro grandes desafios sinalizados por Cameron (2001: 43): a) separar o que precisamos conhecer daquilo que não é necessário para a investigação; b) conciliar a localização dos dados com a escala horizontal de investigação; c) a irregularidade temporal e espacial das fontes; d) e a parcialidade dos documentos. É fundamental termos em mente a concepção de que o material sobrevivente no tempo faz parte de um processo social e político, que pode nos dizer muito sobre as condições em que tais informações foram produzidas e utilizadas. O arquivo histórico abriga coleções parciais de documentos e um corpo difuso de ideias, mas, como destacou Clayton (2001: 751), ele é um lugar onde os significados e as verdades do colonialismo são produzidas, ao invés de simplesmente dadas; onde o conhecimento, a ação e os espaços são produzidos e trabalhados, ao invés de simplesmente armazenados. Por isso, o arquivo não é um depósito de informação histórica bruta, mas um “campo de batalha discursivo”.
- 36 Há uma enorme dificuldade do pesquisador em subverter e suplantar as relações de poder escritas e embutidas nos documentos, sobretudo quando se trata de fontes coloniais. O investigador precisa ter em mente que, sendo a produção do conhecimento a base de exercício do poder, é necessário questionar o estatuto da fonte como registro confiável, desvendar suas fraturas, descontinuidades e fundamentos políticos. É indispensável compreender não somente as suas características, mas as motivações subjacentes, o contexto e a ideologia da pessoa/instituição que a produziu. Nessa linha de análise, Clayton (2001) propõe três indagações a serem pensadas: a) em que extensão a geografia histórica é moldada pela tirania dos arquivos com os quais trabalhamos cujas fontes foram quase todas produzidas no contexto colonial; b) que vozes foram silenciadas; c) e o que estamos fazendo para recuperar e representar vozes alternativas. Essas inquirições irão exigir do pesquisador uma análise crítica do corpus documental, além da sua sensibilidade para as questões da autenticidade, do preconceito e da abrangência das fontes que porventura utilizar.
- 37 Não raras vezes, um programa de pesquisa em geografia histórica pode ser amplamente controlado pelos documentos disponíveis em virtude da cobertura inexistente ou fragmentada do passado. Em que pese esse problema, o conhecimento profundo daqueles registros históricos encontrados não pode ter limites. Investir na consulta e análise de um amplo conjunto de fontes fornece uma legitimidade para a pesquisa, permitindo que o problema seja abordado de várias perspectivas e não em uma direção linear. Todavia, nem sempre as fontes têm sido catalogadas nas temáticas a que se referem; muitas ainda se apresentam dispersas, aguardando a classificação; outras se encontram em forma de manuscritos (quando não digitalizadas ou microfilmadas), com estilos linguísticos arcaicos, em geral pouco legíveis ou de difícil leitura por parte dos geógrafos, frequentemente desbotada, manchada ou rasgada.
- 38 Fontes documentais podem não oferecer a totalidade dos dados necessários para reconstruir padrões geográficos através das etapas sucessivas da história. Uma das saídas para este problema é investir no descobrimento de mapas da época, considerado por Sauer (1941) um dos passos mais importantes na pesquisa em geografia histórica. A manifestação cartográfica das condições econômicas e sociais dos tempos passados é

central para a geografia histórica e muitos geógrafos históricos, segundo Clout (1980: 8), “argumentam que a representação espacial da informação disponível não só acrescenta uma dimensão nova e valiosa”, mas também permite melhor localizar e interpretar os resultados da investigação em seu contexto espacial. A cartografia possibilita reconstruir os processos espaciais sincrônicos (espaço) e diacrônicos (tempo), além de ser um eficaz instrumento metodológico de análise. Embora, ao longo da trajetória da geografia histórica, a tradição cartográfica seja uma das mais importantes, ela tem sido pouco explorada.<sup>4</sup>

- 39 O pesquisador em geografia histórica também poderá encontrar vestígios do passado na paisagem atual sob a forma de *resíduos*. Isto porque a paisagem é constituída por elementos de diferentes idades e cabe ao investigador a interpretação dessa base material por meio do exame dos indícios concretos, residuais e históricos. Por esse motivo, Sauer (1941: 14-15) considerou que a análise em geografia histórica exige do estudioso um “intenso trabalho de campo, uma observação mais aguda, uma atenção constante às pistas e flexibilidade nas hipóteses”. Ainda de acordo com o autor,

Um dos primeiros passos [do pesquisador] está na capacidade de ler os documentos no terreno. Isto pode significar trabalho físico duro e, com frequência, difícil porque há caminhos e lugares que deverão ser visitados se o objetivo é obter as respostas. [Nas observações de campo], uma das tarefas mais importantes pode ser descrita como a localização das relíquias e fósseis culturais. As relíquias culturais são objetos sobreviventes, agora obsoletos, que registram condições dominantes de outros tempos.<sup>5</sup>

- 40 Caso o geógrafo se aventure pela linha de investigação da geografia histórica, é bom observar alguns princípios fundamentais para a sua orientação, os quais poderão ajudá-lo a compreender melhor as relações entre a história e a geografia: a) tanto a geografia histórica quanto a história formulam questionamentos sobre o passado, apesar de a primeira privilegiar perguntas geográficas-chaves sobre lugares e eventos; b) como as fontes da geografia histórica são, algumas vezes, problemáticas, as interpretações dos fatos devem ser feitas e estão sujeitas a mudanças; c) o debate é fundamental para a prática da geografia histórica: revisões, reavaliações e mudanças, portanto, são vistas como inevitáveis e desejáveis; d) a preocupação com as alterações geográficas através do tempo requer um diálogo entre a história e a geografia e entre a geografia contemporânea e a histórica; e) a produção da compreensão temporal dos lugares e sua evolução implicam estudos espaciais interdisciplinares e não apenas restritos à geografia e à história; f) e a especificidade histórica e a peculiaridade dos fenômenos geográficos de certos lugares podem sinalizar, na maioria das vezes, processos únicos e particulares.

## Considerações finais

- 41 A ciência geográfica é um campo de estudo que ao trabalhar com natureza e sociedade se articula, diretamente, com um amplo conjunto de ciências afins, por meio dos métodos de análise e resultados de investigação. Com a história, as relações são antigas, desde Heródoto e Tucídides, passando por Alfred Hettner e Vidal de la Blache, e ocorrem numa área denominada *geografia histórica*. Essa linha de investigação interdisciplinar procura inserir a dimensão temporal nos estudos geográficos por meio de dois planos de abordagem: a) elucidando as formações sociais passadas a partir de determinadas categorias geográficas (espaço, território, região e paisagem); b) e

interpretando o ordenamento espacial presente com base no recuo em épocas pretéritas, analisando a importância explicativa que as categorias geográficas possam assumir. Os estudos em geografia histórica indagam como o espaço influencia o tempo e como o tempo se torna espaço, além de investigarem o papel específico dos tempos passado e presente na explicação da configuração atual. Eles contribuem para minimizar a narrativa temporal rígida, o historicismo e o aniquilamento do espaço pelo tempo.

- 42 Na literatura acadêmica sobre geografia histórica existe uma diversidade de publicações que versam sobre as mudanças geográficas e históricas de determinados lugares e períodos, os chamados *estudos de caso*. Porém, pesquisas e artigos dedicados ao universo da teoria e da metodologia desse campo de análise são escassos. Essa carência produz várias consequências para a área de investigação, tais como: base institucional e disciplinar fragmentada, ecletismo de assuntos e linhas de abordagem, confusão com a historiografia, indefinição do objeto e do sujeito de investigação, natureza particular, excessivamente descritiva e raramente explicativa, e aplicabilidade restrita dos resultados obtidos. As tendências atuais das pesquisas, por outro lado, representam novas direções e sinalizam uma ruptura com temas e abordagens tradicionais, haja vista a forte inclinação da linha de investigação com a prática crítica e reflexiva contemporânea nas ciências sociais e humanas. Historiadores e, principalmente, geógrafos expandiram o leque de temas que abordam e de disciplinas com as quais se relacionam, recorrendo a um conjunto amplo de teorias, adotando diversas perspectivas sobre a geografia histórica e, inclusive, buscando compreender a natureza e a finalidade da abordagem histórica na geografia.
- 43 O pesquisador em geografia histórica deve se preocupar com o estudo das mudanças no espaço e no tempo; buscar em eventos e épocas pretéritas as *variáveis geográficas* e os *aspectos territoriais* chaves para compreensão dos contextos passado e presente, aqueles elementos que possuem influência decisiva nos processos e acontecimentos históricos, explicativos da configuração e da organização do espaço em foco. Por princípio, as indagações devem ser questões geográficas sobre o passado como a imposição do meio sobre o homem e as possibilidades e formas/técnicas por ele adotadas para apreender e transformar o ambiente; o papel do espaço na viabilização dos interesses dos grupos sociais; as relações de poder engendradas no exercício da formação e consolidação de territórios e os principais rebatimentos no ordenamento espacial; os processos históricos explicativos da configuração geográfica estudada ou a (s) consequência (s) espacial (is) dos eventos decisivos; entre outras questões. Investigar o passado demanda, essencialmente, o conhecimento dos arquivos, a pesquisa e a interpretação dos documentos preservados. Mas o estudo de uma realidade extinta, o uso de teorias do presente, a parcialidade e a irregularidade temporal e espacial das fontes nos ajudarão a reconstruir apenas uma pequena fração das ações humanas e dos eventos. Isto se aplica às análises sincrônicas cujo recuo no tempo pode não incluir todas as variáveis ou eventos chaves.

---

## BIBLIOGRAFIA

- Abreu, Maurício de Almeida (2000). "Construindo uma Geografia do Passado: Rio de Janeiro, cidade portuária, século XVII". *GEOUSP*, São Paulo, n. 7, pp. 13-25.
- Baker, Alan R. H. (1987). "Editorial: the practice of historical geography". *Journal of Historical Geography*, v. 13, n. 1, pp. 1-2.
- Baker, Alan R. H. (1997). "'The Dead don't Answer Questionnaires': researching and writing Historical Geography". *Journal of Geography in Higher Education*, v. 21, n. 2, pp. 231-243.
- Baker, Alan R. H. (2003). *Geography and History: Bridging the Divide*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Baker, Alan R. H. (2007). "On the Significance of History for Geography: Historical Geography as Holistic (or Total) Geography". *Klaudyán - Internet Journal of Historical Geography and Environmental History*, v.4, n.1, pp. 7-12.
- Braudel, Fernand (1997). "Géohistoire : la société, l'espace et le temps". In: Ayala, Roselyne; Braudel, Paule (Orgs.). *Les écrits de Fernand Braudel: Les ambitions de l'histoire*. Paris: Fallois, pp. 68-114. v.2.
- Butlin, Robin (1993). *Historical Geography: Through the Gates of Space and Time*. New York: Routledge.
- Cameron, Laura (2001). "Oral History in the Freud Archives: Incidents, Ethics and Relations". *Historical Geography*, v. 29, pp. 38-44.
- Clayton, Daniel W. (2001). "Questions of Postcolonial Geography". *Antipode*, v. 33, n. 4, pp. 749-751.
- Clout, Hugh (1980). *Agriculture in France on the eve of the railway age*. London: Croom Helm.
- Denecke, Dietrich (1982). "Applied historical geography and geographies of the past: historico-geographical change and regional processes in history". In: Baker, Alan R. H.; Bilinge, Mark (Eds.). *Period and place: Research methods in historical geography*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 127-135.
- Guelke, Leonard (1982a). *Historical Understanding in Geography, An Idealist Approach*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Guelke, Leonard (1982b). "Historical geography and Collingwood's theory of historical knowing". In: Baker, Alan R. H.; Bilinge, Mark (Eds.). *Period and place: Research methods in historical geography*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 189-196.
- Hanlon, James (2001). "Spaces of Interpretation: Archival Research and the Cultural Landscape". *Historical Geography*, v. 29, pp. 14-25.
- Knowles, Anne Kelly (2000). "Introduction of Historical GIS: the spatial turn in social science history". *Social Science History*, v. 24, n. 3, pp. 6-24.
- Kučera, Zdeněk (2008). "Historical geography between geography and historiography". *Klaudyán - Internet Journal of Historical Geography and Environmental History*, v. 5, n. 1, pp. 5-13.
- Mccarthy, Mark (2002). "Writing Ireland's historical geographies". *Journal of Historical Geography*, v. 28, n. 4, pp. 534-553.

- Mitchell, Jean Brown (1954). *Historical geography*. London: English Universities Press.
- Mitchell, Robert D. (1987). "The North American Past: Retrospect and Prospect". In: Mitchell, Robert D.; Groves, Paul A. (Eds.). *North America: The Historical Geography of a Changing Continent*. Totowa: Rowman and Littlefield, pp. 1-22.
- Moore, Francesca P. L. (2010). "Tales from the archive: methodological and ethical issues in historical geography research". *Area* (Royal Geographical Society with The Institute of British Geographers), v. 42, n. 3, pp. 262-270.
- Myres, John L. (1953). *Geographical history in Greek Lands*. Oxford: Clarendon Press.
- Norton, William (1984). *Historical analysis in geography*. London; New York: Longman.
- Powell, Joseph Michael (2000). "Harvest of 'Entwining Complication': annotations on American historical geography". *Australian Geographer*, v. 31, n. 3, pp. 393-403.
- Santos, Milton (2002a). *Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. São Paulo: EDUSP.
- Santos, Milton (2002b). *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: EDUSP.
- Sauer, Carl O. (1941). "Foreword to Historical Geography". *Annals of the Association of American Geographers*, v. 31, n. 1, pp. 1-24.
- Williams, Michael (2002). "Epilogue: Critique and evaluation". In: Darby, Henry C. *The relations of history and geography: Studies in England, France and the United States*. Exeter: University of Exeter Press, pp. 203-211.
- Wynn, Graeme (2005). "D. W. Meinig and The Shaping of America". *Journal of Historical Geography*, v. 31, n. 4, pp. 610-633.

## NOTAS

1. Butlin (1993: 1) considerou a geografia histórica como o "estudo da geografia dos tempos passados, mediante a reconstrução imaginária de uma vasta gama de fenômenos e processos chaves para nossa compreensão geográfica do dinamismo das relações e atividades humanas, tais como as mudanças na avaliação e uso dos recursos naturais e humanos, na forma e função dos assentamentos humanos e do ambiente construído, nos avanços em quantidade e formas de conhecimento geográfico, no exercício do poder e do controle sobre territórios e pessoas".
2. Baker, Alan R. H.; Billinge, Mark (Eds.). *Period and place: Research methods in historical geography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
3. Infelizmente, estudiosos das ciências sociais e humanas, inclusive profissionais da geografia e geógrafos históricos, com poucas exceções, pouco se valem dos arquivos, talvez pela falta de conhecimento deles, dificuldades de pesquisa ou crença generalizada de que as fontes documentais são úteis apenas para os historiadores.
4. Na reconstrução de bases espaciais passadas, destacam-se também os *Sistemas de Informações Geográficas* (SIG's). A adoção desse método vem mudando nas duas últimas décadas, devido ao crescimento de uma subárea na geografia histórica conhecida como *Historical GIS*. De acordo com Knowles (2000), a principal diferença entre o *GIS Histórico* e a grande maioria dos SIG's hoje utilizados é que os dados do primeiro, geralmente, incluem material de arquivo que deve ser convertido do formato analógico para o digital. O escaneamento e a digitalização de material histórico, somados ao acúmulo de bases de dados espaciais digitais, estão criando novas

oportunidades para a análise do passado, sobretudo, vinculadas a temas sobre áreas urbanas, transporte, comércio e história ambiental.

5. Nesse momento da pesquisa, pode ser utilizada a categoria *presente* como método complementar para o estudo do passado, pois as ações que transcorrem na atualidade, em certos momentos, são redefinidas pelas heranças do passado. Ela se soma aos *resíduos* ou às *rugosidades*, conceituadas por Santos (2002b: 140) como aquilo “que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação e superposição” das coisas nos lugares ao longo do tempo. Os *resíduos* e o *presente*, no entanto, têm que ser compreendidos nos seus respectivos contextos, pois, conforme sinalizou Abreu (2000), embora as categorias geográficas sejam universais, as variáveis que tornam possível operacionalizá-las precisam ser adequadas às suas respectivas conjunturas.

---

## RESUMOS

Na literatura acadêmica sobre Geografia Histórica há uma grande diversidade de publicações que versam sobre as mudanças geográficas e históricas de determinados lugares e períodos, os chamados *estudos de caso*. Pesquisas e artigos dedicados ao universo da teoria e da metodologia desse campo de análise, contudo, são escassos. Com o intuito de contribuir para tal discussão, discutimos, com base em bibliografia predominantemente anglo-saxônica, aspectos conceituais e metodológicos da Geografia Histórica.

In the academic literature on Historical Geography there is a big diversity of publications that deal with the geographic and historical changes of specific places and periods, they are called case studies. However, research and articles devoted to the theory and methodology of this field of analysis are scarce. In order to contribute to this debate, we discuss conceptual and methodological aspects of Historical Geography based on predominantly Anglophonical bibliography.

En la literatura académica sobre Geografía Histórica existe una gran diversidad de publicaciones que versan sobre los cambios geográficos e históricos de determinados lugares y periodos, los llamados *estudios de caso*. Investigaciones y artículos dedicados al universo de la teoría y de la metodología de este campo de análisis, con todo, son escasos. Con la intención de contribuir a tal discusión, discutimos, con base en bibliografía predominantemente anglosajona, aspectos conceptuales y metodológicos de la Geografía Histórica.

Dans la littérature académique sur la Géographie Historique, nombreuses sont les publications concernant les changements géographiques et historiques de certains lieux et de certaines périodes, les dénommées *études de cas*. Rares sont, toutefois, les recherches et les articles consacrés à l'univers théorique et méthodologique de ce domaine d'analyse. Afin de contribuer à cette discussion, nous nous penchons sur certains aspects conceptuels et méthodologiques de la Géographie Historique, à l'aide d'une bibliographie à prédominance anglo-saxonne.



## ÍNDICE

**Palavras-chave:** geografia e história, geografia histórica, teoria e metodologia

**Palabras claves:** geografía e historia, geografía histórica, teoría y metodología

**Índice cronológico:** Século XX e XXI

**Keywords:** geography and history, historical geography, theory and methodology

**Mots-clés:** géographie et histoire, géographie historique, théorie et méthodologie

**Índice geográfico:** Reino Unido, Brasil

## AUTOR

**PATRÍCIO AURELIANO SILVA CARNEIRO**

Professor da EPCAR

patriciocarneiro@yahoo.com.br